



## **CULTURA LÚDICA FORMATIVA PARA DIFERENTES ETNIAS NA REGIÃO DO PANTANAL/AQUIDAUANA/MS**

Setembro/2013

Eixo temático: Currículo, Conhecimento e Cultura  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul /UFMS

ROJAS, Jucimara

[jjrojas@terra.com.br](mailto:jjrojas@terra.com.br)

FERREIRA, Francys Marizethe N. Santana

[francys.santanam@hotmail.com](mailto:francys.santanam@hotmail.com)

Comunicação Oral. Texto completo.

### **RESUMO**

Este estudo visa revelar o mundo vida e os conhecimentos culturais por meio dos significados das imagens simbólicas da ludicidade com o objetivo de evidenciar a cultura e aprimorar o processo ensino/aprendizagem nos aspectos do desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor, físico e social da criança nas escolas da região de Aquidauana/MS. Nestes termos, torna-se relevante desvelar a cultura regional onde as crianças estão inseridas delimitadas aqui pelos contextos diversificados como urbano, pantaneiro, indígena, ribeirinho e rural. Para tanto nos embasamos nos estudos de Sarmento (2005); Rojas (2004-2006); Kischimoto (1995-2008); Merleau-Ponty (1999); Carvalho (2006); Fazenda (1991); Oliveira (2006); Nunes (1995), dentre outros e nas observações realizadas nos contextos acima, pautados pela Fenomenologia. Destarte os conhecimentos e produtos oriundos deste estudo auxiliarão na construção de novas práxis dos professores que atuam em instituições de ensino em que essas crianças estão inseridas. Constata-se a necessidade da clarificação da compreensão lúdica diversificada; apresentado e afirmado na relevância desta estratégia no processo do ensinar/aprender, partindo do pressuposto que o professor precisa ter consciência de que ministrar aula não é somente ter conhecimento teórico, mas conhecer a realidade na qual seu educando está inserido, para a sua prática pedagógica realmente possa atingir seus objetivos, oportunizando uma aprendizagem significativa, que conseqüentemente resultará num ensino de melhor qualidade.

**Palavras-chave:** Cultura Formativa. Ludicidade. Cultura Regional.



## INTRODUÇÃO

A palavra “Cultura”, de origem do latim, significa cultivar, genericamente compreende todo complexo que inclui a arte, as crenças, mitos, o conhecimento, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo Ser em vivência no grupo social a qual faz parte.

A Cultura se apresenta como um campo em movimento, por meio de peculiaridades que unificam o falar, o agir, o pensar, o representar, e interpretar a própria vida que rege comportamentos compartilhados entre os seres humanos. Mas que ao mesmo tempo também apresenta diversidades entre si, onde o espaço contempla negociações entre as mais diversas formas de interferências e influências entre os novos e antigos padrões. Por estes resultados consideramos cultura também como um processo de revitalização e transformação.

Campos e Debortoli (2007) afirmam que a Antropologia e Sociologia são campos que possibilitam novos olhares e estudos sobre as crianças e as particularidades da infância. Tais estudos estão comprovando que existem diferentes culturas lúdicas coexistindo em um mesmo local e tempo. Isto comprova que atualmente inúmeros educandos vivem suas infâncias em contextos diferenciados determinados pelas condições sociais, políticas, ideológicas, econômicas e culturais. E comprovadamente essas particularidades, não estão sendo entendidas pela escola, local onde todas essas diversidades se concentram.

Destaca-se que a essência do ser humano se revela nos aspectos que são universais às culturas e deve ser considerada também no campo da educação, pois "pode ser que nas particularidades culturais dos povos - em suas esquisitices - sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é ser genericamente humano". (GEERTZ, 1978, p. 55). Assim, podemos afirmar que o fato de sermos mais semelhantes ou mais humanos é que vão destacar as nossas diferenças.

Rocha (1999) destaca em seus estudos que o processo de aprendizagem e os conhecimentos promovidos pela escola e sistematizados pelos professores constituem o universo infantil, enfatizando que a criança não se constitui somente em ser cognitivo.



[...] a dimensão que os conhecimentos assumem na educação das crianças pequenas coloca-se numa relação extremamente vinculada aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, (a cultura), as suas cem linguagens. (ROCHA, 1999, p. 62).

Neste sentido torna-se claro a necessidade da realização de estudos com o objetivo de conhecer as manifestações culturais das crianças, com seus pares, observando, compreendendo, interpretando e desvelando as relações que são vivenciadas entre as mesmas. Isso possibilitaria o rompimento de uma pedagogia imposta e sedimentada nas instituições de ensino.

## **CULTURAS LÚDICAS DIVERSIFICADAS NA REGIÃO DO PANTANAL**

Para Morin (1999 apud Rojas, 2004) a cultura lúdica mostra-se em seu processo, por meio de seu produto. Por este motivo a escola precisa ter uma proposta de educação voltada a sua diversidade local, que deve ser respeitada. Somente por meio desta ação ela poderá reconhecer e valorizar as diferenças culturais de seus educandos e conseqüentemente oferecer um ensino mais significativo.

Sarmento (2005) acredita que estas interações são constantemente atualizadas pelas próprias práticas sociais entre as próprias crianças e também nas interações entre crianças e adultos. Isto conseqüentemente possibilita uma variação nos diferentes grupos étnicos, que são estabelecidos pelas ações internas e externas de cada contexto, resultando em diferentes culturas numa mesma sociedade.

As instituições de ensino do município de Aquidauana concentram inúmeros alunos oriundos dos contextos diversificados da Região do Pantanal, justificados principalmente pelo êxodo, onde várias famílias procuram melhores condições de vida. Determinamos aqui como os originários étnicos a criança urbana, que tem sua origem na sede do município, a indígena que é oriunda das aldeias, a pantaneira que vem das fazendas localizadas no Pantanal, a ribeirinha que está instalada as margens do rio Aquidauana e a que mora na zona rural ou assentamentos.

Neste sentido, questionar sobre a formação do futuro professor que estará atuando com essa diversidade cultural nas escolas da região de Aquidauana,MS é



relevante, pois acreditamos que temos a responsabilidade de destacar a relevância de sabermos atuar, fazendo a conexão entre a cultura de cada etnia com a cultura escolar. Assim, precisamos buscar possibilidades diversificadas para que esse Ser, possa estar, inclusive dentro do processo competitivo, ou seja uma educação de qualidade que atenda as reais necessidades de cada educando. Por este motivo acreditamos que um dos melhores caminhos é a consolidação de uma prática pedagógica que contemple a realização de projetos interdisciplinares que envolvam o contexto do dia a dia de cada etnia.

A criança aprende a crescer, ter autonomia, criar vínculos pessoais e afetivos, autênticos e duradouros encontra condições de agir por conta própria, conviver afetuosamente e vivenciar as tradições culturais de sua família e do contexto em que mora, de forma participativa. Portanto, sua aprendizagem não pode se restringir por meio de atividades sem significados e de exercícios repetitivos e automáticos. A criança da região do Pantanal deve ser vista e compreendida pela família e pela escola, como alguém capaz de pensar, criar, imaginar, sentir e representar sua realidade simbólica, lúdica, lendária e histórica. (OLIVEIRA, 2006).

É necessário um olhar investigativo para realizarmos uma revitalização das brincadeiras, jogos, brinquedos e contos utilizados no dia a dia destes contextos diversificados para embasar a elaboração de novas metodologias de trabalho junto aos professores que atuam nas instituições de ensino na respectiva região. Acreditamos que tal ato formativo poderá contribuir em uma aprendizagem mais real e significativa, melhorando a qualidade de ensino, combatendo o alto índice de reprovações de crianças que frequentam o ensino fundamental, permitindo uma naturalidade para entendimento dos contextos diferentes e até possibilitando surgimento de aspectos criativos na perceptividade do ser com suas culturas.

Percebe-se que em relação aos problemas apresentados na prática pedagógica dos professores, podemos citar Vieira (1999) que destaca a importância no processo de formação, em que o professor seja confrontado com outros processos culturais, sabendo que o comparar-se com o outro, que constrói de modo diferente, implica em se conhecer melhor. é importante que o educador se depare com outros processos culturais, pois isso contribuirá para que o mesmo acredite que necessita conhecer-se a si primeiramente, percebendo as alternativas do seu eu profissional e que,

[...] a cultura é uma construção de sentido que permite tomar consciência da relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Se a escola propõe sistemas de sentido que não tem nenhuma relação com o que vivem, esses sistemas constituem para as crianças discursos vazios, que repetirão no dia da prova e esquecerão no dia em seguida, que não lhes darão a possibilidade de se reconstruir. (CHARLOT, 2005, p. 137).

Logo, acreditamos que quando a aprendizagem se pauta em aspectos voltados para a questão simbólica e lúdica permitindo a subjetividade tem um significado maior para o educando, possui grande valor e têm possibilidades de ser assimilada como um todo completo. Ao trabalharmos com a ludicidade como fio condutor, o trabalho escolar se reveste de efeitos de sentido e significados, pois as brincadeiras, os jogos, os brinquedos e os contos estão centrados na busca do novo, do simbolizar, do imaginar e do criar.

Rojas (2006) destaca uma importante abordagem na,

questão das práticas educativas, cuja ênfase recai na linguagem, cognição e cultura, buscamos a fenomenologia como suporte teórico para sugerir a construção de novas posturas, atitudes e ações educativas. Destarte refletiremos sobre os fenômenos presentes em toda ação humana e concomitantemente no próprio Ser humano. Pretendemos envolver as práticas de novos significados tendo como base o olhar, o pensar, o fazer, o estar e o Ser fenomenológico. (ROJAS, 2006, p.1).

Destarte, percebemos que a pesquisa em Fenomenologia vem de encontro com a construção do conhecimento que estamos propondo para proporcionar um novo pensar e conseqüentemente desvelar novas práticas pedagógicas que possam contribuir no aprimoramento do processo ensinar/aprender da criança na escola de Aquidauana/MS.

Nossa intenção, baseada em Ribeiro Junior (1991) é descrever o fenômeno situado da ludicidade por meio das brincadeiras, brinquedos, jogos e contos que as crianças da região do Pantanal vivenciam no seu cotidiano.

Critelli (1996) aponta que “não basta aos entes estarem simplesmente por aí para serem reais. Tudo o que há só chega à sua plena existência, isto é, torna-se real” (p.69) quando tira do seu ocultamento o fenômeno e organiza os elementos que compõem o seu “movimento de realização”.



## CULTURA INDÍGENA

Grande parte da população do município de Aquidauana é composta por indígenas da etnia Terena. São inúmeras as contribuições da cultura indígena à sociedade atual, aliás, não podemos falar da cultura brasileira, sem antes passar pela indígena. Considerando que a forma de organização social dos índios brasileiros estava intrinsecamente ligada a natureza quando do descobrimento do Brasil, dessa forma, é de se esperar que as atividades lúdicas das crianças indígenas fossem fortemente influenciadas pelos elementos da natureza, notadamente animais e rios. (KISCHIMOTO, 1993).

Constatamos que existe a prática do ensino bilíngüe nas escolas indígenas, ensino na língua materna e na língua portuguesa, onde também existem crianças com dificuldades em serem alfabetizadas. Embora as legislações federais, estaduais e municipais defendam uma educação escolar indígena, cujo currículo respeite e se aproxime da realidade e da cultura desses povos, uma educação bilíngüe, onde o professor seja também um índio, há, ainda, um longo caminho a ser percorrido para que essa educação realmente seja efetivada. Neste sentido Merleau-Ponty (1999), esclarece que os fatos fenomenológicos, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, isto é o sujeito registra sua experiência tal como se apresenta como ela é, na tentativa de dar explicações aos fatos observados.

A educação de cada índio é um constante ensinar e aprender cultura no interesse da comunidade toda, por isso ela é fundamentalmente socializante, e como tal está em íntima conexão com os aspectos da vida coletiva em todas as suas dimensões. Os educadores dos índios, os anciãos, ainda que não sejam os profissionais da educação como conhecemos formalmente em nossa estratificação social/profissional, utilizam-se com sabedoria de momentos, materiais e instrumentos adequados, que transformam em recursos eficazes para educar quem vai ser um indivíduo de uma comunidade, com sua personalidade própria, e não um elemento de uma multidão. (MELIÁ, 1979).

Segundo dados, das próprias instituições de ensino indígenas, existe uma grande defasagem dos alunos em relação ao processo de ensino e aprendizagem, principalmente nos primeiros anos iniciais do ensino fundamental e também existem muitas dúvidas e



dificuldades dos professores que atuam na Pré-Escola, em adequarem os conteúdos determinados pelos próprios Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) para seus educandos que vivenciam uma realidade totalmente diferenciada de outras comunidades.

## **CULTURA PANTANEIRA**

O Pantanal é considerado a maior planície alagável do mundo, embora sua superfície não fique constantemente embaixo d'água. Sua localização abrange parte de três países: 10% no Paraguai, 20% na Bolívia e 70% no Brasil, dividindo-se entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste. (DANTAS, 2000).

Ao longo do ano, existem duas épocas distintas que determinam toda a rotina do pantaneiro. Durante o verão, a maior parte do território fica inundada, em decorrência das chuvas incessantes, o que delimita a locomoção de homens e animais; quando as águas baixam, a vida torna-se mais acessível. Alguns moradores ficam meses ilhados, pois, para chegar até as fazendas, muitos só utilizam avião. Mesmo com todas as dificuldades encontradas, percebe-se que os moradores permanecem morando na região e são os principais defensores da conservação da natureza pantaneira.

A principal atividade econômica da região pantaneira é a pecuária, desenvolvida, especialmente, pela grande extensão de terras. Tal fato contribuiu para os aspectos socioculturais cultivados atualmente pelo homem pantaneiro<sup>1</sup>. Outra atividade econômica que está em ascensão é o turismo: muitas fazendas estão se adequando para receber pescadores e admiradores da natureza.

O pantaneiro possui suas particularidades: é receptivo, tem boa índole, é hospitaleiro, é supersticioso, gosta de contar histórias, em especial os “causos” (como são chamados), as lendas e os mitos. Também fazem suas previsões do tempo por conhecerem os ciclos das águas em sua região. A propósito, a água é componente de muitos de seus mitos. Existem várias histórias contadas de geração a geração e que

---

<sup>1</sup> Homem pantaneiro aqui recebe como denominação todo morador, dono de terras, peão ou trabalhador temporário que esteja habitando aquele território.



ficam guardadas na memória das pessoas, como as de lobisomem, conhecidas em todo o mundo, mas que tem sua forma também na cultura sul-mato-grossense.

Os animais também possuem representações significativas, destacando-se o jacaré, a onça, a sucuri, o tuiuiú (ave símbolo do Pantanal), e a boiada, que se reveste de forte significado de sobrevivência para esse povo. Percebe-se uma harmonia entre o homem pantaneiro e a natureza, e esse equilíbrio é repassado de geração a geração: o princípio que o governa é retirar da natureza apenas o necessário para a sobrevivência. Atualmente existem movimentos para preservar a flora e, sobretudo, para combater a caça a algumas espécies ameaçadas de extinção. Existe patrulhamento, mas, em face da imensa extensão, fica difícil o combate a este tipo de crime.

Historicamente o homem pantaneiro tem sua concepção por inúmeras influências de diferentes grupos indígenas, primeiros habitantes da região, antes da colonização dos brancos, que ocorreu a partir do Tratado de Tordesilhas (1494) e contribuições dos negros, paraguaios e bolivianos. Todos contribuíram de forma significativa nas formas de trabalho de subsistência, profissão, fé e simbolismo para tudo o que formou o homem pantaneiro.

Os relatos do dia a dia da criança da região do pantanal, antes de ingressar na escola, é diferente, pois ela acorda cedo ajuda seus pais na “lida”, como chamam o trabalho, tirando leite das vacas, brincando de cavalinho em troncos, brincando de casinha, confeccionando boneca de pano, se reunindo em roda à noite, para escutar “causos” dos mais velhos, dentre outras formas de divertir.

Enfatiza que as primeiras histórias são contadas oralmente as crianças pelas mães, pais e avós. Na região Pantaneira, segundo relatos dos moradores é comum a noite a presença das “rodas de histórias” com a família e os vizinhos em que os mais velhos são sempre responsáveis pelos relatos dos “causos” mais instigantes, os quais envolvem bichos da fauna local e mistérios que nunca foram desvendados. Tais contadores são considerados autodidatas, pois mesmo sem nunca terem sido preparados formalmente para serem contadores de histórias, conseguem encantar e prender a atenção de todos.

Os meninos ficam fascinados na laçada do “boi”, feito de madeira, ficam treinando insistentemente. A maioria sonha em participar dos torneios de laçada promovidos na região e a nível nacional. A maioria das fazendas tem suas equipes que



competem nos eventos. Percebe-se uma relação muito estreita com os elementos da natureza que cercam a vida de todo pantaneiro e respeitá-la faz parte de um dos primeiros aprendizados.

## **CULTURA DA ZONA RURAL**

Zona rural são as regiões que ficam fora da sede do município, que incluem Distritos, chácaras, fazendas, assentamentos suas principais fontes de renda são a lavoura com pequenas plantações de hortaliças, pomares, mandioca, e pecuária e outras criações de suínos, galinhas e caprinos. O “homem do campo”, considerado aqui por suas particularidades como: apreciar a música sertaneja, moda de viola, realizar previsões do tempo, principalmente para os produtos que cultiva e a ordem natural (natureza), pois tem consciência de que disso depende sua sobrevivência e também de seus entes queridos futuramente.

As crianças andam a cavalo, pescam, tomam banho de rio, cachoeira, freqüentam as festas da comunidade, bailes, rodeios, torneios esportivos, dentre outras atividades que consideram prazerosas e simplesmente rotina nesse ambiente misturado.

## **CULTURA RIBEIRINHA**

Ser morador, conhecido como ribeirinho, de uma região onde os rios são as principais fontes de renda nos leva a refletir na forma como essas pessoas vivem e sobrevivem, frente a grandes particularidades. Sua cultura é diferenciada porque vivenciam uma realidade diferente. Ao longo dos rios da região como Aquidauana, Miranda, Rio Negro, dentre outros, vivem muitas pessoas que tiram sua sobrevivência deles.

Para Carvalho (2006) são dos rios que essas pessoas retiram os elementos necessários à sua sobrevivência e subsistência. É com a água dos rios que estes homens, mulheres e crianças, vivem uma relação de harmonia e desarmonia, por meio dessas águas suas vidas brotam e caminham dia a dia. A subjetividade desses habitantes das margens dos rios está intimamente ligada às águas que correm neles. Para o caboclo



ribeirinho a água dos rios é a Grande Mãe, que lhe acolhe e lhe dá o alimento, que estende seu corpo no leito do rio para que estes possam navegar.

Nestas localidades o rio faz parte de uma realidade determinante de todas as pessoas que vivem nestas regiões, pois estabelecem uma relação estreita com a natureza que os cerca mediada por suas crenças e seus mitos, constituindo sua cultura. Dessa forma, a criança ribeirinha também estabelece uma relação com este universo e é um desafio desvelar o seu contexto lúdico que acreditamos estar intrinsecamente ligado aos mitos, lendas e brincadeiras que se originam da água e das riquezas naturais que a cercam. Entender o que representa para ela estes elementos nos fará compreender seu universo lúdico e sua própria cultura.

É relevante que a escola seja capaz de valorizar o conhecimento que a criança ribeirinha traz consigo, pois o mesmo é carregado de grande significado. Possuem o poder criativo e simbólico o que torna capaz de se transformar sua realidade.

Pela convivência com o rio e a floresta, a criança ribeirinha estabelece uma relação de intimidade com a natureza, deixando fluir em suas brincadeiras todo o imaginário que esta relação proporciona uma relação mítica. “A relação mítica do homem com a natureza e com o mundo, está no fato de que o homem é movido pelas crenças, independente do meio cultural em que vive, e estas crenças estão no seu imaginário e fazem parte do mundo concreto. [...]”. (CARVALHO, 2006, p. 3).

O olhar de encantamento pelo qual fomos tomados ao observarmos o brincar dessas crianças nos levou a perceber a forma íntima com que se relacionavam com a natureza, uma relação de pertencimento, permeada pela ludicidade e pelo imaginário, num ambiente de muita liberdade. Imaginário que é constituído pelo conjunto de lendas, crenças e mitos, que povoam o universo cultural do ribeirinho, pois tanto o rio como a floresta são dotados de expressão simbólica, e essa expressão simbólica se traduzem naquilo que eles representam para estas pessoas.

A criança ribeirinha também estabelece uma relação com este universo e é um desafio desvelar todos os aspectos que o cercam. Acreditamos que o seu contexto lúdico está intrinsecamente ligado aos mitos, lendas e brincadeiras que se originam da água e das riquezas naturais que a cercam. Entender o que representa para ela estes elementos nos fará compreender seu universo lúdico e sua própria cultura.



## **CULTURA DA ZONA URBANA**

Magnani (2000) destaca que as contribuições da Antropologia Urbana, contribuem para uma clarificação sobre a realidade deste espaço com o objetivo de interpretar a dinâmica em que se processa o dia a dia de diversos grupos sociais. Isto porque existem elementos que destacam a própria desigualdade que as crianças enfrentam.

Para Muller (2007, p. 3) a infância pode assim ser explicada “[...] pobres e ricos há entre outras, esta diferença: na hora de brincar, uns brincam com o que desejam brincar e os outros, brincam com o que tem e principalmente com o que não tem”. Assim, a realidade de cada criança também se torna distinta em um mesmo espaço.

## **LUDICIDADE E EDUCAÇÃO FORMAL**

Nosso lócus de pesquisa é a região onde residimos, no município de Aquidauana/MS, formada por vários aspectos culturais diferenciados que se encontram num campo coletivo: “a instituição de ensino”, onde todas as peculiaridades são constatadas e ao mesmo tempo ignoradas e até mesmo desvalorizadas.

Atualmente a questão lúdica tem sido presença marcante nas discussões de pesquisadores e estudiosos que acreditam na sua relevância para o desenvolvimento infantil e tentam responder este fenômeno por meio de várias indagações. Estaremos apresentando neste estudo uma análise dos conhecimentos culturais em relação a ludicidade simbólica no contexto de crianças da região no Pantanal e suas possíveis contribuições para a educação formal.

As concepções acerca do tema são diversificadas, mas o grande ponto em comum é a discussão da ludicidade indissociável da infância. Áries (1978) destaca que o conceito de infância muda historicamente, tendo como parâmetros para essas transformações os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos.

Segundo Kichimoto (1993) a ludicidade é uma realidade cotidiana na vida das crianças, independentemente de sua origem, cultura e classe social, pois os jogos, as brincadeiras e os brinquedos fazem parte de suas vidas. Para que elas brinquem, é suficiente, que não sejam impedidas de exercitar sua imaginação. Pois é um instrumento



que permite relacionarem seus interesses e suas necessidades com a realidade de um mundo que poucos conhecem; é o meio que possuem para interagir com o universo dos adultos, universo que já existia quando elas nasceram e que somente aos poucos podem compreender.

Destaca-se que as brincadeiras expressam a forma como uma criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e reconstrói o mundo à sua maneira. É também um espaço onde ela pode expressar, de modo simbólico, suas fantasias, desejos, medos, sentimentos agressivos e os conhecimentos que vai construindo, a partir das experiências que vivenciam.

Desde o momento em que nascem e à medida que crescem, as crianças esforçam-se para agir e relacionar-se com o ambiente físico e social que as rodeia, um mundo de objetos, relações e sentimentos que, pouco a pouco, vai-se ampliando e que elas procuram todo o tempo, compreender. Nesse esforço, constroem conhecimentos sobre a realidade e podem se perceber como indivíduos únicos entre outras pessoas.

No jogo de faz-de-conta a criança experimenta diferentes papéis sociais, funções sociais generalizadas, a partir da observação do mundo dos adultos que a rodeia. Segundo Bontempo apud Kichimoto (2008) “os termos simbólico, representativo, imaginativo, fantástico, de simulação, de ficção ou faz-de-conta podem ser vistos como sinônimos, desde que sejam empregados para descrever o mesmo fenômeno”. (p.58).

A brincadeira é, desta forma, um espaço de aprendizagem em que a criança age além do seu comportamento cotidiano e de outras crianças de sua idade. Na brincadeira, ela age como se fosse maior do que é na realidade, realizando, simbolicamente, o que mais tarde poderá realizar na vida real, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do mesmo, mas da função e significado que a criança lhe atribui.

Nunes (1994) ressalta que a ludicidade é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura, por meio do qual se pode permear suas vivências internas com a realidade externa. Para ele o conceito de infância varia de culturas e classes, fato esse que ocasiona expectativas quanto ao desenvolvimento infantil, pois existe unanimidade quanto ao reconhecimento da importância do meio para esse desenvolvimento.



Torna-se relevante, destacamos que a escola é fundamental para a prática lúdica. Kramer (2007) destaca que é um espaço privilegiado onde passamos grande parte de nossas vidas e por este motivo deve-se refletir exatamente na utilização correta destes locais para que possa oferecer a criança esse tempo de vida com todos os seus direitos e deveres assegurados.

Percebemos que o conhecimento lúdico perpassa por aspectos que devemos respeitar como a questão da cultura de cada criança, seu lócus de movimento. Acreditamos que brincar não seja perda de tempo, nem uma forma de preenchê-lo, pois a ludicidade promove o desenvolvimento integral da criança, considerando que é uma oportunidade dela se envolver afetivamente, conviver socialmente e operar mentalmente.

Neste sentido, este estudo contribui para a clarificação da compreensão lúdica diversificada; apresentado e afirmado na relevância desta estratégia no processo do ensinar/aprender, partindo do pressuposto que o professor precisa ter consciência de que ministrar aula não é somente ter conhecimento teórico, mas conhecer a realidade na qual seu educando está inserido, para a sua prática pedagógica realmente possa atingir seus objetivos, oportunizando uma aprendizagem significativa, que conseqüentemente resultará num ensino de melhor qualidade.

As crianças por vivenciarem no seu cotidiano ações diferenciadas devem expressar-se diferentemente nas brincadeiras, possuir diferentes brinquedos, ouvir contos culturalmente elaborados e desenvolver outras atividades lúdicas que contribuam em sua formação cultural que conseqüentemente, refletirá em sua educação formal.

Acredita-se que os conhecimentos precisam ser funcionais, isto é, devem ser efetivamente utilizados pelas crianças em situações que lhes coloquem problemas a serem solucionados. Nessa perspectiva, os conhecimentos oferecidos para a aprendizagem devem aproximar-se o máximo possível das práticas reais e integrarem a lógica de cada área de conhecimento humano. Isto significa ressaltar que os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998), não está se referindo a conhecimentos fragmentados e sistematizados para fins únicos de ensino, mas sim a todo e qualquer conceito, atitude e procedimento que tenha um significado para a criança.



Acreditamos que uma das grandes causas do fracasso escolar é o fato de professores e alunos viverem atualmente em um mundo fragmentado, desligados do passado e das raízes, fatores esses, que determinam a origem de um povo. Neste sentido torna-se relevante a proposta de uma educação que atenda as necessidades de seus educandos, que pertencem a culturas diversificadas e conseqüentemente colocam os educadores em um grande desafio onde necessitam estarem atentos às diferenças econômicas, sociais e raciais e ainda e buscar domínio de um saber crítico que permita interpretá-las.

Fazenda (1991) destaca que torna-se relevante que o professor assuma uma atitude interdisciplinar diante do conhecimento e de sua prática pedagógica, ressaltando como aspecto essencial a atitude em busca de alternativas para conhecer o contexto no qual seus alunos estão inseridos. Uma das grandes questões é a forma de como se trabalha em sala de aula com as diferentes culturas, percebendo o que a criança de diferentes etnias fala sobre ela, relatando em imagem os momentos dessa diferença.

Pelos motivos apresentados indicamos como elementos da pesquisa o levantamento das experiências e vivências culturais da criança no espaço em que vivem por meio dos jogos, brincadeiras, brinquedos, dentre outros, ressaltando que a visão de mundo, para elas, está presente em todas essas ações.

O brincar também é considerado uma forma de comunicação, pois quando interagem com as atividades lúdicas e com os outros sujeitos estão tendo a oportunidade de ampliar seus conceitos e conhecimentos. Para a ludicidade, basta que ele esteja na esfera do imaginário e do simbólico. O brincar está intrinsecamente no contexto cultural das crianças, pois muitas brincadeiras apresentam características do lugar onde estão situadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constatamos a relevância desta pesquisa para a intervenção lúdica no espaço escolar, por meio de estudos teórico-metodológicos e ações práticas que contemplem a cultura formativa de cada criança inserida na sala de aula, para que assim possa ser efetivada a elaboração do conhecimento de forma coerente e prazerosa, valorizando e



contemplando a realidade de cada educando considerando suas especificidades e manifestações culturais.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. Ela precisa ser valorizada como uma ação relevante ao desenvolvimento da aprendizagem, que contribui com o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Os conhecimentos precisam ser funcionais, isto é, devem ser efetivamente utilizados pelas crianças em situações que lhes coloquem problemas a serem solucionados. Nessa perspectiva, os conhecimentos oferecidos para a aprendizagem devem aproximar-se o máximo possível das práticas sociais reais e integrarem a lógica de cada área de conhecimento humano. Isto significa afirmar que não estou me referindo a conhecimentos fragmentados e sistematizados para fins únicos de ensino, mas sim a todo e qualquer conceito, atitude e procedimento que tenha um significado para a criança.

A função do professor é selecionar, dentro do conjunto do conhecimento humano acumulado, aqueles conhecimentos que precisam ser apropriados pelos alunos, para que sejam capazes de apropriarem-se das inúmeras possibilidades humanas criadas ao longo da história, ao mesmo tempo selecionar os procedimentos adequados, garantindo essa aprendizagem.

Porém é necessário que os professores insiram a ludicidade em seus currículos e também nas suas práticas pedagógicas valorizando o conhecimento e a cultura de cada criança. É relevante percebê-las não somente como receptoras de cultura, mas como autores sociais que participam ativamente dessa transmissão cultural, pois elas possuem suas próprias formas de significar o mundo em que vive. As brincadeiras livres são vistas por alguns professores como descanso de atividades dirigidas e não como forma de socialização e integração das crianças, o que dificulta justificá-las como parte do projeto pedagógico. Neste sentido é relevante a formação de professores resilientes em defender e aplicar uma práxis lúdica em sua sala de aula.



## REFERÊNCIAS

ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

CAMPOS, T.; DEBORTOLI, J. A. Crianças nos sinais: um olhar sobre o trabalho infantil e as possibilidades e impossibilidades de vivências do lazer nas ruas de Belo Horizonte. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, p. 1-26, 2007.

CARVALHO, Nazaré Cristina. **Criança ribeirinha**: sua ludicidade e seu imaginário. Disponível em: <http://www.paginas.uepa.br>. Acesso em: 02 out. 2011.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

DANTAS, Mario. Pesquisa para o desenvolvimento sustentável do Pantanal brasileiro. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL. **Anais...** 2000. Corumbá,MS: EMBRAPA Pantanal, 2000

FAZENDA. Ivani Catarina A. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KICHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Jogos tradicionais infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1993.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2007. p.13-23.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP/ Fapesp, v. 1, p. 15-53, 2000. 320p



MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Reginaldo Di Piero. São Paulo: Livraria Freitas, 1999.

MÜLLER, V.R. **História de crianças e infâncias**: registros, narrativas e vida privada. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 151p.

NUNES, T. O ambiente da criança. **Cadernos de Pesquisa**, n. 89, p.5-23, 1994.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **Rituais e brincadeiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RIBEIRO JUNIOR, João. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.

ROCHA, E. C. **A Pesquisa em educação infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. 1999. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Campinas, 1999.

ROJAS, Jucimara. Efeitos de sentido em fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura. **Anais... SEMINÁRIO Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos 3**. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Livro de pano**: Momentos de Ludicidade Construtiva nas Práticas Pedagógicas Portuguesas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. 120 p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, mai./ago.2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 01 set. 2012.

VIEIRA, Ricardo. **Histórias de vida e identidades** – professores e interculturalidade. Porto: Afrontamento, 1999.